

---

## Corpos em Cena: Masculinidades e Sobrevivências de Homens de Rua no Limite do Humano

*Bodies on the Scene: Masculinities and survival of homeless men on the limit of humanity*

Zuleika de Andrade Câmara Pinheiro

---



### Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/10887>

DOI: 10.4000/pontourbe.10887

ISSN: 1981-3341

### Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

### Refêrencia eletrónica

Zuleika de Andrade Câmara Pinheiro, «Corpos em Cena: Masculinidades e Sobrevivências de Homens de Rua no Limite do Humano», *Ponto Urbe* [Online], 29 | 2021, posto online no dia 27 dezembro 2021, consultado o 31 dezembro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/10887> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.10887>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 31 dezembro 2021.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

---

# Corpos em Cena: Masculinidades e Sobrevivências de Homens de Rua no Limite do Humano

*Bodies on the Scene: Masculinities and survival of homeless men on the limit of humanity*

Zuleika de Andrade Câmara Pinheiro

---

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 16/02/2021

Aceitação / Accepted 11/10/2021

## PREPARANDO O PALCO: O “PÉ DE COLCHÃO”



Figura 1. “Pé de Colchão”. Praça do Ferreira. Fortaleza – Ce. (2015).  
Foto e Arquivo: Jean dos Anjos.

- 1 A imagem acima, captada pelo antropólogo e fotógrafo Jean dos Anjos, expõe uma cena cotidiana da vida urbana. A fotografia mostra uma árvore na qual se vê colchões em seu tronco e pendurados em seus galhos. Diariamente, essa estrutura improvisada de armário é montada e desmontada pelas chamadas pessoas em situação de rua que fazem da Praça do Ferreira, no Centro de Fortaleza-Ceará, seu lugar de morada. Quando o dia amanhece, os pertences começam a ser expostos verticalmente e a árvore toma a forma de um “Pé de Colchão”, como alude Jean. Quando a noite chega, a árvore é desmontada e os colchões e objetos pessoais ganham horizontalidade ao serem espalhados pelo chão da praça e calçadas das lojas do entorno. Essa árvore adornada de colchões e objetos pessoais tornou-se símbolo do fenômeno população em situação de rua<sup>1</sup> da Praça do Ferreira.
- 2 Diuturnamente, os *moradores de rua*<sup>2</sup> têm sido alvo de inúmeras ofensivas por parte da mídia local, da Prefeitura Municipal de Fortaleza, de agentes públicos e dos fortalezenses que transitam e frequentam a Praça do Ferreira. Alegam que tanto os *moradores de rua* quanto a “Árvore de Colchões”<sup>3</sup> enfeiam, sujam e depredam o chamado “coração de Fortaleza”. Também expressam incisivas queixas de que, pela sensação de insegurança e perigo, que possivelmente eles oferecem aos transeuntes é necessária a desocupação urgente da praça e cobram a todo instante da gestão municipal ações para retirá-los de lá. Identificada como “Terra da Luz”, “Cidade do Sol”, Fortaleza se constitui a partir de um *ethos* de férias e de turismo e por tal expediente os *moradores de rua* “mancham” a reputação da cidade.
- 3 Antes de continuar com minha narrativa cabe aqui um adendo para evitar possíveis mal-entendidos. O termo “*moradores de rua*” suscita uma associação entre

marginalidade e criminalidade. A palavra “rua” junto à palavra “moradores” assinala uma percepção de carência, falha e ausência e em função de intervenções sociais junto ao que se convencionou chamar de “população de rua” tais percepções entendidas como estigmatizantes foram substituídas por “situação de rua”. A literatura específica sobre o tema marca com aspas o termo para assinalar que ninguém “mora” nas ruas. Constatei que as pessoas moram e frequentam assiduamente um lugar para habitar e sobreviver nas ruas. Indo na contramão da literatura utilizo as categorias *morador de rua*, *homens de rua*, *michês da Ferreira*, *homens da Ferreira* sem aspas pois a partir de minha abordagem eles de fato moram nas ruas.

- 4 No cotidiano de sobrevivência dos homens que moram na Praça do Ferreira, há produções diárias de masculinidades as quais operam estilos de masculinidades dependentes, indolentes, apáticas pelas quais os homens lançavam mão de acordos tácitos ou explícitos de cooperação e coadjuvação e atitudes subservientes e condescendentes, um estilo de masculinidade não agressiva ao qual chamei de *masculinidade negociada*. Ficou explícito também que os *moradores de rua* se comportam, muitas vezes, de forma animalizada escarafunchando lixeiras e sacos de lixo dos restaurantes do entorno da Praça do Ferreira, em meio às ruas fétidas, atrás de restos de comida agem no limite entre o humano, o não humano e o inumano. A julgar por essas práticas de sobrevivência as quais diferenciam-se dos hábitos sociais aos quais estamos acostumados chamei de *masculinidade animalizada*, por entender que tais comportamentos mais se assemelhavam a um macho animal do que a um humano.
- 5 Dito isso, busco com o artigo analisar a partir de cenas etnográficas como os homens *moradores de rua* da Praça do Ferreira em Fortaleza/CE, agenciam seus corpos em estratégias de sobrevivência. Lembrando Peirano (2008) para quem a etnografia é a teoria vivida e de que outros sentidos como olfato, visão, percepção espacial, tato estão presentes no convívio em campo, esses sentidos também compõem o contexto dos eventos que formam as cenas etnográficas. A ideia de cena parte das reflexões de Crapanzano (2005) para quem a cena é a aparência, a configuração ou a refração da situação objetiva em que nos encontramos na experiência direta com a realidade.
- 6 Assim, valendo-me de alegoria o artigo segue com as seguintes seções: um Prólogo no qual exponho os desafios enfrentados na etnografia e analiso a partir da fotografia acima como os corpos dos *moradores de rua* são enquadrados pela mídia local, pelos agentes públicos, pelos fortalezenses e como enfrentam as intempéries no perambular pela cidade. Na seção Primeiro Ato analiso como os *moradores de rua* da Praça do Ferreira forjam uma *masculinidade negociada*, um estilo de masculinidade menos agressiva que dá suporte à sobrevivência; no Segundo Ato busco situar as formas de sobrevivência distintas dos hábitos sociais aos quais estamos acostumados, por entender que os comportamentos observados se assemelhavam a um estilo de *masculinidade animalizada* que operavam no limite entre o humano, o inumano e o não humano. No Epílogo concluo mostrando que os corpos dos *moradores de rua* são empurrados cada vez mais para as margens, e acabam se readaptando a outros espaços; nas *masculinidades negociadas*, os *michês da Ferreira* não estavam preocupados com as escolhas eróticas de seus clientes, prazer sexual ou desejos de ascender socialmente, mas com a sobrevivência; para o *morador de rua* o que resta de si é o corpo e para mantê-lo vivo as sobrevivências é a resistência máxima às forças que os querem mortos, eles resistem vivendo sendo o corpo a última fronteira da resistência entre a vida e a morte.

## PRÓLOGO

### Desafios Etnográficos

- 7 A prática antropológica se dá por meio da etnografia que nos permite entrar no mundo do “outro” na experiência da alteridade para que se conheça esse mundo e compreenda que existem outras formas possíveis de humanidade e práticas sociais. Magnani (2008), analisando sobre quando a metrópole vira campo antropológico da prática etnográfica, adverte que não precisamos ir muito longe para encontrarmos o “outro”, pois “basta uma caminhada pelos grandes centros urbanos” e logo encontramos personagens urbanos com comportamentos, valores, hábitos nos quais podemos buscar significados que aparecem como excêntricos ou até ameaçadores quando seu significado é desconhecido (Magnani, 2008:18). Uma vez no campo o pesquisador não imita nem se transforma em nativo, igualmente convive-se com ele buscando conhecer sua experiência e sua vivência humana (Geertz, 2011). Busco com a etnografia um outro olhar no sentido de compreender o “outro” que caminha do outro lado da rua, busco interpretar “o conjunto de símbolos ou de signos interpretáveis” (Marques; Villela, 2005, p, 42) do que chamei de “terra de ninguém”.
- 8 A escrita etnográfica em vez de ser uma atividade residual, como se pode pensar de um relatório de pesquisa, por exemplo, cria o que Strathern (2017, p. 312) chamou de “segundo campo”. Para a antropóloga britânica a relação entre o campo empírico e o campo da escrita torna-se complexa, pois cada campo constitui-se um envolvimento próprio e cada um tem contato parcialmente, mas, um não abrange o outro. É como se cada campo girasse em sua órbita. Cada campo cria o outro, mas cada um tem sua própria trajetória e dinâmica. Strathern chamou de Momento Etnográfico a relação do campo da escrita (o que é entendido no momento da análise da observação) com o campo empírico (a necessidade de entender o que é observado no momento da análise). O que faz o Momento Etnográfico é o modo como se apreendem as atividades dos dois campos que ocupam o mesmo espaço conceitual, descritivo e analítico.
- 9 Pensando no Momento Etnográfico proposto por Strathern importa narrar os dilemas do campo empírico que foram descritos no campo da escrita etnográfica. A dificuldade em coletar informações detalhadas das vidas dos interlocutores que fizessem sentido no meu “segundo campo”, foi um grande desafio. Enfrentei o seguinte problema: as entrevistas. Fazer entrevistas em cenários e circulação de *moradores de rua*, foi, por vários motivos, o grande desafio desta etnografia. i) O barulho da praça inviabilizava qualquer tentativa de entrevista; ii) os homens passavam a impressão de que se assustavam com perguntas; iii) entrevistar com gravador, hora e dia marcados foi uma empreitada espinhosa, pois os potenciais entrevistados não se dispuseram a cumprir encontros marcados (embora estivessem sempre dispostos a conversar informalmente); iv) a maioria não demonstrava nenhum interesse em responder perguntas, estavam sempre distraídos em suas sociabilidades. Nos primeiros meses da investigação minhas experiências etnográficas oscilaram, ora com entusiasmo, ora com desânimo. Esse dilema pendular deveu-se à dificuldade em conseguir entrevistas. O que movia, estimulava e interessava os *homens de rua* eram as conversas sobre o cotidiano da praça, as sociabilidades, as idas ao Centro POP<sup>5</sup>, os conflitos e os acontecimentos diários; pouco falavam sobre as experiências passadas, sobre as relações familiares e raramente faziam referências às suas biografias. Compreendendo as regras da “terra de ninguém”, meu

dilema foi se esvaindo quando constatei empiricamente que, para saber sobre as estratégias de sobrevivência e os estilos de masculinidades dos corpos dos interlocutores, não seria necessário escarafunchar o passado e histórias de vida; bastava um olhar mais apurado e cuidadoso para a maneira com que os homens estabeleciam suas relações em cenas de realidade. Seguindo por outras trilhas que não as entrevistas, fiz as pazes com minhas escolhas metodológicas e aceitei o fato de não conseguir ouvir suas narrativas biográficas. Com ausência de entrevistas optei por narrar meu “segundo campo” em cenas etnográficas das sociabilidades, das conversas, das interações e do cotidiano da *Mãe Ferreira*. Para os *homens de rua* a praça é uma mãe, acolhe todos que dela precisam “de braços abertos”.

- 10 Os *moradores de rua* são esquivos, arredios, desconfiados daí o cuidado e cautela na aproximação. Como estratégia metodológica para ter contato direto com os homens na praça precisei primeiro ir por quatro meses ao Centro POP, local onde alguns deles frequentavam. Participei das oficinas socioeducativas para que se familiarizassem comigo e tivessem a certeza de que não oferecia nenhuma ameaça. Como muitos têm débitos com a polícia e a justiça precisavam ter certeza de que não era uma policial infiltrada. Engana-se quem pensa que por se tratar de *moradores de rua*, alguns desprovidos de instrução, pertences, direitos e por viveram em condições precárias de vulnerabilidade, o acesso seria fácil, o contato próximo, as conversas amistosas e as entrevistas aceitas prontamente. Ledo engano! Demandou algum tempo até que estabelecesse aproximação com os interlocutores e constituísse uma relação de confiança e assim participasse das conversas e do convívio. O mundo da rua é um mundo de caos, de incertezas, de “não sei”, e os homens acompanhavam esse caos e o imprevisível em um ambiente por vezes hostil, inóspito e violento. O que gostaria de reter dessa digressão aponta para os seguintes termos:

A antropologia, lá ou cá, na floresta ou na cidade, na aldeia ou na metrópole, não dispensa o caráter relativizador que a presença do “outro” possibilita. É esse jogo de espelhos, é essa imagem de si refletida no outro que orienta e conduz o olhar em busca de significados ali onde, à primeira vista, a visão desatenta ou preconceituosa só enxerga o exotismo, quando não o perigo, a anormalidade (Magnani, 2008:21).

- 11 Finalizando o Prólogo, cabe algumas palavras sobre ética em pesquisa nos estudos antropológicos “uma vez que nas trilhas iniciais de qualquer pesquisa estas são questões sinalizadoras” (Pelúcio, 2007, p.51). Em Antropologia as etnografias não seguem a lógica de uma epistemologia apenas como “produto” do conhecimento, no qual esse “produto” é uma espécie de receita burocrática. Não é comum em projetos antropológicos que utilizam etnografias contemplar hipóteses iniciais de pesquisa como também não é fácil utilizar o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) a depender dos interlocutores. Considerando essas proposições não foi possível utilizar o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) preparado para a pesquisa que embasa este artigo. Larissa Pelúcio (2007) em sua pesquisa com travestis chama atenção para o constrangimento que foi utilizar o TCLE junto com elas. Segundo Pelúcio, o TCLE mais parecia um termo constrangedor do que esclarecedor pois deixava mais temerosas do que seguras suas interlocutoras. A lógica de negociação para nossa inserção no campo segue outras bases de confiança como operadora de troca.
- 12 O campo de minha pesquisa mostrou-se dinâmico e imprevisível, e na experiência etnográfica as negociações para a convivência com os *moradores de rua* aconteceram de forma processual. Busquei sempre esclarecer qual era minha intenção para a convivência entre eles. Nas poucas vezes que mostrei o TCLE deram de ombros e não se

importavam com aquele papel. Como fazer com que meus interlocutores pouco letrados, que não sabem nem assinar o nome entendessem, aceitassem e assinassem um TCLE? A base de minha negociação foi a confiança que busquei estabelecer entre nós; daí porque evitei fazer descrições minuciosas individuais do tipo “biografias particulares” visto que tal procedimento circunscreve e denuncia meus interlocutores. Assim, por prezar o anonimato dos personagens envolvidos na etnografia e por questões éticas a mim bastante caras, seus nomes são fictícios e foram escolhidos aleatoriamente.

## O Enquadramento da Situação de Rua

- 13 O modo como a situação de rua é repassado pela mídia local e de como olhamos a circulação dos *homens de rua* na Praça do Ferreira nos permite inferir que, como um espaço compartilhado, a praça está permanentemente atravessada por práticas de alteridade ou ausência dela. Tais práticas constituem-se por meio da humanização ou desumanização da conexão com o “outro”, quanto menos alteridade mais conflitos são revelados, mais embates acontecem, pois, muitos não conseguem compreender que a despeito do “outro” viver uma “vida precária” (Butler, 2019) considerada inútil, os *homens da Ferreira* também são humanos e pessoas com as quais coabitamos nas grandes cidades.
- 14 Voltando à imagem do “Pé de Colchão”. Susan Sontag (2003) busca compreender como reagimos à exposição maciça da mídia quando publicam fotos de guerra, de corpos mutilados, de cenas violentas, de sofrimento dos outros e questiona: quais efeitos tais fotos têm para nós? A autora argumenta que as fotografias podem causar desconforto, provocar violência ou produzir apatia a essas imagens como se fossem rotineiras e nos acostumamos com elas. Para Sontag uma simples foto não promove uma reflexão nem desperta mobilização ou mudança, o impacto que uma foto pode causar dependerá da legenda e do enquadramento que é dado a ela. Dialogando com Sontag no livro *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto* (2015) Judith Butler chama atenção de como os enquadramentos alocam a condição de certas vidas serem reconhecidas como humanas e quais versões de corpos amparam ou defendem a ideia da vida humana digna de abrigo, de acolhimento, de subsistência e de luto. Para Butler (2015:100) “a maneira pela qual respondemos à dor dos outros e a maneira como formulamos críticas morais e análises políticas dependem de certo campo de realidade perceptível já ter sido estabelecido”.
- 15 Os argumentos de Sontag e Butler diante da dor alheia me ajudam a pensar sobre a principal característica do *morador de rua*: rejeição ao seu corpo. Essa característica evidencia o problema do sistema simbólico que ao rejeitar exclui do convívio social quem não faz parte das engrenagens do sistema econômico e político. O corpo rejeitado não se configura como um novo elemento da sociedade contemporânea, mas como uma categoria “marginal”. Vistos como personagens “descartados”, os *moradores de rua* evidenciam a “fratura exposta” de uma sociedade desigual, discriminatória, mas que diante da situação de rua nos impele a reavaliarmos nosso próprio sistema simbólico e a maneira como olhamos para o outro.
- 16 A partir desse cenário dos *moradores de rua* da Praça do Ferreira no qual revela-se uma arena onde as masculinidades podem ser negociadas como manobras de sobrevivência que esta etnografia se insere. Com o corpo em suspensão no perambular entre calçadas

e edifícios, entre tempo e espaço é nos deslocamentos pela cidade com a prática nômade que os *moradores de rua* adotam, disputam e se apropriam dos espaços urbanos. Com suas mochilas nas costas são como “pessoas caracóis”. As itinerâncias os fazem ser de todo lugar e de lugar nenhum, ao mesmo tempo em que permanecem no mesmo lugar, pois mantêm-se na situação de rua sem sair dela. Deslocam-se não só entre bairros, ruas e praças, mas também econômica e socialmente. Nos espaços explorados da cidade os *michês da Ferreira* buscam estratégias de sobrevivência agenciando seus corpos e as masculinidades com negociações e animalidade.

- 17 Os *homens de rua* transitam em zonas de fronteiras simbólicas, morais e políticas, evocam alteridades, gestam territorialidades, ativam o agente público, incitam políticas urbanísticas sanitárias e repressivas, provocam aproximações e aversões. Com os corpos itinerantes fazem de *Mãe Ferreira* sua casa, mas seu corpo também é uma casa à medida que, para onde quer que caminhem, levam todos os seus pertences em suas mochilas atreladas ao corpo. Um corpo humano, às vezes reconhecido como não humano e inumano, um corpo vulnerável, um corpo que se desloca para lá e para cá, rua acima, rua abaixo praticando os lugares, buscando brechas na cidade para descansar, um corpo caminhante de dia, de noite, de madrugada, um corpo queimado pelo sol escaldante de Fortaleza, um corpo que traz histórias contadas pelas cicatrizes, um corpo abjeto, rejeitado que os outros não querem ver e por isso pode ser eliminado, um corpo massacrado, interpelado. Nas ruas do centro de Fortaleza o corpo do *morador de rua* é a última instância na fronteira entre a vida, a sobrevivência e a morte. Como assevera De Lucca (2016:37) ao analisar sobre vida e morte nas ruas da cidade de São Paulo em uma perspectiva do biopoder<sup>6</sup>, a rua é “espaço limiar onde morte e vida são negociadas”. A partir do meu recorte analítico busco pensar o corpo como espaço onde as masculinidades são negociadas, animalizadas e acionadas às vezes como *michês*, às vezes como animais em busca de sobrevivência.
- 18 Não tenho intenção de romantizar a situação precária em que vivem os *moradores de rua*, não busco vitimá-los, tampouco categorizá-los como coitadinhos. O propósito é deslocar o olhar, pois se aprofundarmos bem veremos que a situação de rua deixa escapar questões de “qualidade humana” que devem ser repensadas. Rui, Martinez e Feltran (2016) argumentam que há uma “representação dominante”, de que a vida nas ruas é caracterizada por ausências seja de família, de moral, de cidadania, de direitos etc. Para os autores, quem não conhece a vida das ruas entende que os *moradores de rua* perderam toda humanidade por viver em um submundo, “como ratos de sarjeta que compõem, pelos degraus mais baixos, a marginalidade urbana” (Rui; Martinez; Feltran, 2016:17). Os autores não negam a “realidade” dessa representação, no entanto chamam atenção de que a rua a princípio não é um problema social, mas uma perspectiva analítica que esclarece não a vida dos *moradores de rua*, mas “nossas formas de produzir com muita violência, a ordem contemporânea”.
- 19 Por ora, o que ofereço ao leitor é a possibilidade de ler sobre as cenas etnográficas das sociabilidades e das experiências dos *homens de rua* da *Mãe Ferreira*. “Ouçam” os personagens cuja coreografia não é uma ficção ou as narrativas soam como mascaradas de verdade; “ouçam” como acontecimentos e histórias reais. Histórias que às vezes soavam curiosas, criativas, cômicas, mas não menos trágicas e dramáticas em um ambiente de brigas, medo, fome, desconfiança, delação, mas também de bom humor, solidariedade, parcerias. “Ouçam” a etnografia não como um espetáculo de uma apresentação teatral, mas com uma contemplação que possibilite reflexão e alteridade.

## PRIMEIRO ATO

- 20 A fotografia abaixo da Praça do Ferreira no centro de Fortaleza mostra em primeiro plano um canteiro cercado por bancos de madeira. No meio se vê uma placa comemorativa de cimento voltada para o centro da praça, com inscrições sobre a inauguração do canteiro. Ao fundo, no centro, podemos ver o monumento da Coluna da Hora. Antes da placa o canteiro abrigava o “Pé de Colchão” da fotografia que abre este artigo. A mídia não se cansa de publicar inúmeras reportagens com depoimentos dos fortalezenses sobre os *moradores de rua*: “é uma vergonha para Fortaleza”, “enfeia o coração de Fortaleza”, “é ridículo”, “queima a reputação da cidade”, “as autoridades deviam ajudar essas pessoas”, dentre outras expressões que indicavam incômodo, rejeição, desprezo e repulsa tanto pelo “Pé de Colchão” quanto pelos *moradores de rua*.



Figura 2. “Casa do Canteiro”. Praça do Ferreira. Fortaleza – Ce. (2017).  
Foto e Arquivo Zuleika Câmara.

- 21 Nas alianças de intervenções urbanas que atendem aos interesses econômicos e turísticos do mercado, o poder público se beneficia da situação de rua em contexto de crise, dada a incapacidade de investimentos e manutenção dos espaços públicos. Nessas parcerias, a empresa de calçados Casa Pio com loja no entorno e responsável pela manutenção periódica do paisagismo da praça, deteve o direito de reforma e derrubou o “Pé de Colchão”, dando lugar ao jardim da fotografia acima. Diariamente os canteiros são cuidados pelos jardineiros da loja de calçados. Ao cortar o “Pé de Colchão” e considerá-lo indesejável já que “mexe” com a estética da cidade, a empresa juntamente com a prefeitura buscou em vão abafar e silenciar os *moradores de rua*, quando no lugar foi construído um jardim. Com tal ação punem os homens e toda a situação que traz um nexo de criminalidade e marginalidade, como se cortando o “Pé de Colchão” o problema fosse resolvido imediatamente; como se fosse possível, em um passe de mágica fazer sumirem os *homens da Ferreira*.
- 22 Ao fundo à direita da fotografia vemos outro canteiro com os homens sentados, deitados nos bancos e nos colchões dispostos no chão. Esse canteiro chamei de *casa do canteiro* pelo fato de alguns homens utilizarem essa local como morada. Foi nesse banco

que passei a maior parte desta etnografia. Cortado o “Pé de Colchão” os homens passaram a dispor seus colchões e pertences nas duas árvores desse outro canteiro. Como se vê, cortar uma árvore não resolve a situação, pois os *homens da Ferreira* acabam se readaptando quando suas condições de sobrevivência são desfavoráveis e dificultadas. As práticas excludentes produzidas pela prefeitura no sentido de dificultar as sobrevivências buscam em vão enxotá-los da praça a todo custo. A situação de rua é um fenômeno complexo que envolve antes de mais nada questões de ordem política e de saúde pública. O que não se pode perder de vista, como aponta o sociólogo Gabriel Feltran (2017), é o fato de que muitas pessoas estão nas ruas por problemas sociais e, portanto, devem ser protegidas e não criminalizadas.

- 23 Contudo, há *moradores de rua* que querem continuar nas ruas e essa possibilidade nunca é pensada pelos gestores, transeuntes e empresas. Ou seja, há pessoas que, de fato, têm a rua como casa e não querem dela sair. Para muitos o “Pé de Colchão” expõe a face de uma imagética depreciativa da praça, entretanto para a pesquisadora representa “corpos-sobreviventes” dos resíduos sociais do capitalismo neoliberal. À medida que Fortaleza ia crescendo sua população foi aumentando e ao mesmo tempo foi ficando pobre, desigual e violenta. Absorvendo a migração vinda do interior de territórios desequilibrados em termos de oportunidade de trabalho, desemprego na capital, dramas familiares, aumento no consumo de droga e álcool, escalada da criminalidade, *Mãe Ferreira* vai sentir na “pele” as consequências dessa desordem.
- 24 Durante o dia, à luz do sol, *Mãe Ferreira* e ruas do entorno mostram-se animadas, movimentadas e os *moradores de rua* se divertem ouvindo música com suas caixinhas de som, jogando xadrez, fazendo pilhéria um com outro, dançam, discutem, divertem-se, brincam, dividem comida, dormem, negociam roupas, banham-se (com as mangueiras dos jardineiros da loja de calçados) e alguns vão trabalhar. Sim, muitos trabalham como ambulantes, vigias de estacionamentos, vendedores etc. Sentados nos bancos “jogam conversa fora”. Olhando de longe parece uma grande família. Diferente do dia ensolarado e movimentado, à noite os homens articulam outras práticas de sobrevivência mais ligadas à defesa pessoal, pois as situações de perigo são sempre iminentes e os deslocamentos pela cidade podem envolver ameaças, brigas ou até mortes, tanto entre eles quanto nas relações com os vigias e os seguranças, os transeuntes e os policiais. As sobrevivências nas ruas são peculiares, à medida que envolvem fome, medo, brigas, insegurança, hostilidade, violência e adrenalina, muita adrenalina.
- 25 Nas “experiências cênicas” (Crapanzano, 2005) da *terra de ninguém* nem em todas as cenas etnográficas estive presente bem de perto. Na experiência direta do protagonismo e coadjuvação de meus interlocutores, houve momentos em que as cenas apareciam ao longe, as quais não haviam a possibilidade de me aproximar, já outras aconteciam ao meu lado. Agora convido-os a “ouvirem” as narrativas das cenas etnográficas.

## Os Michês da Ferreira

### Cena 1 – “Sou michê, não tô nem aí!”

- 26 O portão do Centro POP é aberto e à medida que os *moradores de rua* vão chegando se identificam na recepção e seguem para o quintal. O lanche da tarde é servido por volta

das 13h30. Apenas as vinte<sup>7</sup> primeiras pessoas têm direito ao lanche e em fila em frente à porta da cozinha se divertem conversando.

- 27 “D. Zefa, estamos com fome!”, alguém grita lá de trás. “E aí, D. Zefa, o que temos de lanche pra hoje?”, outro grita na frente da fila. Entre uma brincadeira e outra, chamando a cozinheira os homens se divertem com as chacotas. Entre a porta da cozinha e o bebedouro à esquerda, sentada em uma cadeira quebrada escorada na parede posicionada perto da fila observava o movimento. Dário (24 anos, 2 anos de rua), com quem já havia conversado algumas vezes, foi expulso de casa devido às brigas com sua companheira. Para sobreviver vendia água nos semáforos das ruas próximas ao Centro POP. Posicionado no início da fila, Dário conversava com outro homem bem atrás dele. Comentava sobre uma abordagem que fez a um educador social na Praça do Ferreira:

Ei *mah*, sabe aquele educador social? Aquele baixinho<sup>8</sup>, da Praça do Ferreira? Ontem encontrei com ele. Carregava um ventilador que tinha mandado consertar. Ele é gay, né? (comentavam sobre a orientação sexual do educador). Macho, tu acredita que eu fui pedir o ventilador a ele e sabe o que ele me disse? “Eu te dou o ventilador, só se você der uma ‘voltinha’ no meu corpo!”. Eu hein! Não! Comigo não! Eu sou é macho! (Notas de Campo).

- 28 Dário falava rindo, e seu interlocutor, rebateu: “Macho, porque tu não mandou ele pra mim?! Sou *michê*, não tô nem aí! Dá próxima vez tu me indica pra ele! Mande ele me procurar. Eu quero é ganhar dinheiro!”. Todos na fila caem na gargalhada. Curioso com o diálogo dos dois, outro homem indaga: “o que é *michê*?”. Dário comenta que *michê* é o homem que faz sexo com gays, mas que o *michê* não seria gay; faz sexo por dinheiro. Célio (23 anos de idade e 1 ano de rua) estava na fila ouvindo a conversa, comentou que sua experiência como *michê* foi de repulsa, e assevera: “Eca! Me deu um nojo quando olhei aquela bunda cabeluda!”. Mais gargalhadas. Entre uma chacota e outra sobre as experiências sexuais como *michê* o lanche foi servido e encerraram a conversa.

## Cena 2 – A vergonha do Michê

- 29 No quintal do Centro POP os moradores de rua interagem lavando roupa, dividindo cigarro, jogando cartas e conversando. Era por volta das 14h quando Daniel chega de bicicleta, cantarolando uma música de rap. Rapaz alto<sup>9</sup>, simpático, porte atlético, sorriso largo com aparelho nos dentes, pele clara, embora queimada do sol. Instruído, Daniel fogia do biotipo dos demais. Com 23 anos de idade e 5 anos entre idas e vindas de sua casa à rua, sua presença deixava o ambiente animado.
- 30 Aceno, chamando-o para sentar ao meu lado. Encostou a bicicleta no muro do corredor que dá acesso ao quintal, aproximou-se, sorrindo. “E aí, tia?!”. “Tudo bem, Daniel. Como você está?”. Perguntou como estava a pesquisa, respondi que caminhava como previsto, mas com dificuldades para fazer entrevistas. Daniel me expõe que muitos homens não gostam de responder perguntas, para não serem identificados, pois alguns estão nas ruas fugindo de alguma coisa. Indaguei: “fugindo de quê?”. “Ah, tia, de tanta coisa! Da polícia, da cadeia, da justiça, dos pais... Vem pra rua por causa da droga. Tem homem que foge até de mulher! (Gargalhada)”. Sorrindo e curiosa continuo: “E você, tá fugindo de quê?”. Daniel responde: “De tudo (risos)!”. Percebi que não queria falar mais nada, não insisti. Nunca consegui descobrir como chegou até as ruas, mas pelo que apurei estava nas ruas devido à droga. Mudando de assunto, indaguei como ele fazia para sobreviver nas ruas. Com simpatia disse que vigiava um estacionamento, limpava e

lavava os carros dos *bacanas*<sup>10</sup>, mas também ganhava dinheiro como *michê*. Segundo ele, quando os *bacanas* iam buscar os carros no estacionamento combinavam um programa para a noite. “Tia, era cada carrão! Cada motel *chic!*”.

- 31 Daniel não tinha cliente fixo. Os encontros eram casuais marcados a partir do estacionamento. Narrava que ganhou muito dinheiro com os clientes, mas gastou tudo com drogas. Descreveu suas aventuras com os *bacanas*, disse não entender como homens casados, que se diziam heterossexuais, procuravam por ele para fazer sexo. Estranhava o fato de que muitos tinham o desejo de serem “comidos”. Como *michê*, fazia tudo que o cliente solicitasse, tirava vantagem das carências sexuais e das demandas eróticas dos *bacanas*. No entanto, foi contundente em dizer que só não topava ser “passivo” (no sentido de ser penetrado na relação sexual).
- 32 Bem articulado com as palavras, percebia-se que a instrução de Daniel o destacava dos demais *homens de rua*, sua educação chamava atenção tanto pela maneira como se expressava e tratava as pessoas, quanto pelo conhecimento. A simpatia e sorriso eram contagiantes. Daniel mudou o semblante ao narrar sobre a vergonha que sentiu ao fazer sexo com um homem pela primeira vez. Com uma expressão séria disse: “depois que transei com ele, me deitei no banco da praça e comecei a chorar. Chorar com vergonha de mim mesmo”.
- 33 Depois do nosso último encontro no Centro POP, em 2015, nunca mais vi Daniel. Encontrei-o em janeiro de 2018, na Praça do Ferreira, bastante debilitado. Fiquei surpresa ao vê-lo daquele jeito. Estava “acabado”, magro, nem parecia o rapaz bonito e vigoroso que tinha conhecido há três anos. Uma coisa em Daniel não tinha mudado: sua simpatia e o sorriso eram os mesmos (sem os aparelhos nos dentes). Ao me ver, fala com o mesmo sorriso: “E aí, tia?!”. Não escondi minha satisfação em vê-lo: “Daniel, como você está? Que bom te ver! Você lembrou de mim!”. Ele acrescentou: “Sim, você estava fazendo uma pesquisa com *moradores de rua*. “Isso, isso! Mas ainda estou na pesquisa. Podemos conversar novamente?”. Sorrindo, respondeu: “Sim, tia, mas hoje não, vou me deitar um pouco!”. Respondi: “Claro, eu estou sempre por aqui, qualquer dia conversamos”.
- 34 Ao deslocar-se em busca de um banco para deitar estranhei a forma como andava devagar, flexionado para frente. Indaguei: “O que houve?”. Daniel levanta a camisa e mostra uma enorme cicatriz na vertical de uns 20cm, que ia do umbigo até o peito: “Tia, fiz uma cirurgia. Foi retirado metade das minhas tripas, por isso, quando eu ando, dói”. Eu disse: “Te cuida, depois nos falamos!”. Afasta-se e deita no banco à minha frente. Dias depois soube que foi baleado e a cirurgia foi para retirada da bala que tinha se alojado em sua barriga. Estava envolvido com tráfico de drogas.

### Cena 3 – “Adoro ser Michê”

- 35 Sentada no banco da *casa do canteiro* da Praça do Ferreira, escuto o sr. Eli narrando sua vinda para a capital. Cabelos brancos, pele negra, com 54 anos (aparentando 65), há 19 anos estava nas ruas vindo de uma cidade do interior do Ceará. Veio para a “cidade grande” aos 10 anos. Disse-me que não sabia nem escrever o nome e falou com frustração de nunca ter estudado. Segundo ele, a mãe bebia demais e não queria criá-lo, por isso foi “doado” a uma tia que morava em um bairro afastado do centro de Fortaleza. Foi parar nas ruas devido ao álcool, por tal motivo, perdeu mulher, filhos e o trabalho de pintor. Eli é soropositivo, contraiu o vírus HIV de uma companheira de rua,

já falecida. Teve tuberculose e fazia tratamento para manter o HIV sob controle. Parou de beber há cinco anos, depois que descobriu ser soropositivo.

- 36 Eli narra suas aventuras sexuais e cujos encontros aconteciam sempre a partir da Praça do Ferreira, quando algum gay o procurava. Afirmou que “trepar com homens é muito bom! Eles fazem tudo que a gente quer! Mas aqui, só tem ‘saída’, nada de ‘entrada’”. Assim, como Daniel referia-se ao fato de não ser penetrado na relação sexual. Gostava de ser *michê*, desde que não mexessem com sua bunda. Não via problema algum em praticar sexo com os homens, e deixava bem claro: “É bom trepar com eles, mas o que me importa é o dinheiro! Preciso para sobreviver!”

## Masculinidades Negociada: O Corpo em Jogo

- 37 A masculinidade como a feminilidade não são traços de caráter ou aspectos de identidades de homens e mulheres; são predicados e atributos de comportamentos, são símbolos de poder, de capacidade de ação inteligíveis a homens e mulheres (Almeida, 2000). O caráter contingente da conexão entre poder, masculinidade e homens torna-se claro quando atentamos ao diálogo e ao conflito entre as várias masculinidades e os homens e as mulheres. Segundo Almeida (2000), no exercício das masculinidades de alguns homens nos deparamos com valores, costumes e discursos aos quais podemos aos poucos desvendar os códigos e os roteiros que regem a construção e a reprodução de uma masculinidade específica. Ou seja, a masculinidade pode ser entendida como um lugar simbólico estruturado nos processos de subjetivação dos agentes e constitutiva e articulada nas relações sociais como um ideal culturalmente elaborado dentro de uma ordem de comportamentos socialmente aprovados. As masculinidades são construções sociais, não um dispositivo de fundamento biológico; derivam de diferentes produções culturais, sociais e políticas, devendo-se considerar em suas constituições dimensões regional, relacional, contextual e histórica. Assim, por meio de sistemas simbólicos, os *michês da Ferreira* vão constantemente agenciando suas masculinidades, que não são meras formulações biológicas de um dado natural. Cotidianamente agenciam à custa de sofrimentos, sacrifícios, provocações, atrevimentos, virilidade e violências, negociações, animalidades para sobreviverem.
- 38 No agenciamento dos *michês da Ferreira* as masculinidades forjadas e acionadas por eles ora incorporavam práticas e comportamentos viris e violentos ora lançavam mão de acordos tácitos ou explícitos de cooperação, coadjuvação, atitudes subservientes e condescendentes, um estilo de masculinidade menos agressivo ao qual chamei de *masculinidade negociada*. Acionar essa masculinidade para alguns homens era motivo de chacota, brincadeira, vergonha e para outros era motivo de sobrevivência. A *masculinidade negociada* operava em um jogo de corpos, no qual existia menos a preocupação de ser ou não masculino ou um “homem de verdade” e mais em uma busca em ganhar dinheiro para sobrevivência.
- 39 O antropólogo Néstor Perlongher (1987), estudou a prostituição masculina nos bares, saunas e esquinas da noite paulistana e o *michê* é definido como o homem que pratica atos de prostituição, entretanto não abandona sua masculinidade nas relações com os clientes. Para Perlongher, na prostituição viril, o dinheiro *fetichiza* o desejo, ao mesmo tempo em que preserva a masculinidade dos homens diante de possíveis ameaças à homossexualidade. Quando falamos em prostituição nos referimos à exploração do corpo e da sexualidade na economia do desejo, ou seja, no mercado do sexo, que por sua

vez, pressupõe-se ser um negócio; negócio esse que está conectado às atividades entre “prestador de serviço” e cliente.

- 40 Há também um estudo da socióloga Maria de Lourdes dos Santos (2013) sobre prostituição masculina no centro de Fortaleza, no qual busca analisar as práticas homoeróticas de jovens pobres, na maioria provenientes de bairros periféricos, que exercem a prostituição viril em um mercado sexual hierarquizado por critérios de juventude, masculinidade e habilidades das práticas sexuais. Os *michês* estudados por Santos exercem a prostituição nas ruas, em cinemas pornográficos (cinemões), nos bares, nas boates e em motéis. Esses *michês* andam de modo a chamarem atenção dos motoristas que passam em seus veículos, fazem sinais para os transeuntes, ora de forma discreta, ora de maneira visível. Agem assim procurando ser notados; trocam olhares, gesticulam e entram em alguma rua lateral, para que ali possam acertar o “negócio do *michê*” como diz Perlongher (1987).
- 41 Deliberadamente tanto os *michês* estudados por Perlongher e Santos buscam clientes a partir dos espaços das ruas e agem como profissionais do sexo. Esses garotos de programa atuam durante a noite e embora às vezes usem a rua como “pegação” e motel, suas práticas sexuais não seguem a mesma lógica dos *michês da Ferreira*. As práticas sexuais entre os *michês da Ferreira* e seus clientes têm outros circuitos de busca e negociação. Diferentemente do negócio dos *michês* estudados por Perlongher, Santos ou das análises de Santos e Pereira (2016) sobre a economia do desejo em seus íntimos vínculos com as relações raciais que marcam as saunas de *michês* em São Paulo, as práticas sexuais dos *michês da Ferreira* não seguem a lógica do mercado do sexo da prostituição viril, embora ganhem dinheiro com sexo. A lógica dos *michês da Ferreira* opera na vivência das sociabilidades na praça onde eram procurados e assediados, sendo este não um negócio, mas uma oportunidade ocasional e não uma busca voluntária por se prostituírem ou serem garotos de programa. Tratava-se da disponibilidade a partir de encontros fortuitos e casuais, submetida, nas ruas, aos eventuais interesses entre as partes. Não havia na prática dos *michês da Ferreira*, uma busca intencional de fazer prostituição viril, nos moldes das saunas, clube de sexo masculinos ou pontos em esquinas. À medida em que se relacionam nas sociabilidades das ruas e encontram gays dispostos por um programa, os *michês da Ferreira* entravam em cena, seja de dia ou de noite. Na prostituição viril estudada por Perlongher, os *michês* tinham desejos e deslumbre por uma série de objetos materiais, bem como pela possibilidade de alcançar novos círculos de relacionamentos e do acesso a outras classes sociais. Para os *michês da Ferreira* fazer sexo por dinheiro, era mais com o intuito de sobrevivência do que desejo sexual e não esperavam anoitecer para fazer um programa sexual; ao contrário, era sempre à luz do dia que eles eram abordados.
- 42 Na experiência da *Cena 1* na qual os homens faziam chacota na fila do lanche do Centro POP, Célio ao indicar repulsa pelo contato com outro corpo masculino, e Dário ao afirmar que sendo macho jamais praticaria sexo com outro homem, evidencia que para alguns *homens de rua* há uma moralização e uma percepção de que fazer sexo com outro homem seria um comportamento não viril e, portanto, abalaria, os pilares da masculinidade. Para Daniel, o rapaz simpático da *Cena 2*, embora se comportasse como *michê* demonstrou sentimentos de desonra ao praticar sexo com um homem ao narrar que chorou após fazer sexo com outro homem. Fica manifesto nas narrativas que, por se afirmarem heterossexuais, e aqui não convém saber se fingidamente ou não, era como se ao praticar sexo com outros homens suas masculinidades fossem rebaixadas, e

seus possíveis deslocamentos de gênero permitissem que suas identidades se alinhassem aos gays e às travestis, produzindo rupturas com valores e atributos do cabra macho, para utilizar uma expressão nordestina, ou do “homem de verdade”. Tais falas me fizeram pôr em xeque qualquer assertiva mais apressada de que os interlocutores que praticavam sexo com outros homens por dinheiro suprimiam dessas práticas de sobrevivência, elementos de culpa, angústia, desespero e vergonha.

- 43 Nesses termos, a *masculinidade negociada* assume um estilo, uma estratégia na qual os homens agenciam seus corpos forjando uma masculinidade alinhada à prática de busca pela sobrevivência. Lançavam mão de acordos de cooperação e atitudes subservientes e condescendentes, sendo, portanto, um estilo de masculinidade não agressiva. No agenciamento dos corpos dos *michês da Ferreira*, a virilidade me pareceu, pelo menos implicitamente, não ser um atributo o qual esses *michês* pleiteavam. No entanto, há nessa prática sexual uma aparente ambiguidade imbricada na *masculinidade negociada*, uma vez que, apesar de se sujeitarem ao sexo com outros homens, havia para alguns uma valorização de estereótipos anexos ao “homem de verdade”, já que sentiram vergonha ou nojo do corpo masculino, pressuposto da sua identificação com o *cabra macho*. Portanto, há, ao mesmo tempo, um desejo pelo sexo em vista de sobrevivência, e sentimentos de vergonha e repulsa pela prática sexual com outros homens. A *masculinidade negociada* não se aprisiona na distinção binária da sexualidade de homem que se relaciona apenas com mulher e vice e versa. Para os *michês da Ferreira*, o sexo entre homens e gays operava mais no sentido de sobrevivência, e não de prostituição viril. Para alguns, as práticas sexuais não adquirem conotação de “anormais” ou “erradas”, para outros, tais práticas despertavam angústia e vergonha. O que estava em jogo era o desejo pelo dinheiro que sobrepujava o desejo pelo prazer sexual, portanto, o deslocamento de virilidade dos corpos dos *michês da Ferreira* é marcado por disposições tendo em vista a sobrevivência e não as práticas sexuais em si.

## SEGUNDO ATO

### Cena 4 – Homens e uma caixa de sorvete

- 44 Era início de junho. *Mãe Ferreira* se enfeitava para as festas juninas e o comércio seguia animado. A Coluna da Hora marcava 11h15. Em meio ao movimento frenético dos transeuntes e camelôs observei um homem de rua correndo do lado norte para o sul da praça, trazendo pela mão uma grande caixa de armazenar sorvete. Enquanto percorria o centro da praça margeando a Coluna da Hora, gritava chamando os demais para se juntarem ao grupo na *casa do canteiro*. Pelo modo como alardeava, aos gritos, e pelo jeito que segurava a caixa devido ao peso, chamou atenção de quem passava por lá. Possivelmente alguém de alguma das bancas de revistas que ficam na extremidade norte da praça teria lhe dado a caixa de sorvete. Nessa manhã, contabilizei doze homens e quatro mulheres em torno da caixa de sorvete.
- 45 O *homem de rua* colocou a caixa em cima do banco. Os membros do grupo se acotovelavam em busca de espaço para saborearem o sorvete. Enfiavam a mão dentro da caixa e se lambuzavam sorvendo a guloseima. Dois homens preferiram fuçar na lixeira ao lado do canteiro em busca de alguma colher ou outro dispositivo que servisse de talher. Sem encontrarem nada, apressaram-se a seguir o comportamento dos demais; caso contrário, ficariam sem sorvete. Um homem foi chamar mais *moradores de*

rua para se servirem do sorvete. Três retardatários tentaram disputar a caixa aos empurrões, mas chegaram no fim; o grupo havia devorado os 10 litros<sup>11</sup> de sorvete em, aproximadamente, dez minutos. Os retardatários rasgaram a caixa para lamberem as sobras e descartaram-na rasgada na lixeira. Mais dois retardatários se juntaram ao grupo, e os demais comentavam, com entusiasmo sobre o “banquete” e do que haviam perdido.

- 46 Sentada do outro lado da *casa do canteiro*, distante do grupo por cerca de quatro metros, observava aquela cena que me parecia estranha ao mesmo tempo peculiar. Ver corpos humanos dividindo alimento alvoroçadamente, como animais, era, de fato, chocante. Era pouca caixa para muitas mãos, pouco sorvete para muitas bocas.

## Cena 5 – Seis homens e um saco de lixo

- 47 Sexta-feira, 15h45. Sigo em retirada. Muito cansada, havia chegado à *Mãe Ferreira* por volta das 9h da manhã. O sol a pino, calor infernal, estava mais impaciente do que de costume. Depois de muita conversa com os *homens de rua*, minhas observações já tinham se esgotado. Ledo engano! Saindo da praça margeando a calçada da Caixa Econômica Federal (CEF) que fica na esquina do lado Norte, dobrando a Leste no meio do quarteirão, há um restaurante L’escale Self Service. Ao dobrar a esquina avisto seis *moradores de rua* na porta do restaurante. Já os havia visto várias vezes na *Mãe Ferreira*, mas nunca tinha estabelecido nenhuma conversa com eles. Resolvi então me sentar no batente de uma das portas laterais da CEF em frente ao restaurante para observá-los. Esse trecho do quarteirão para pedestre de pedra portuguesa é sempre muito fétido devido aos fortes cheiros de urina e fezes. À noite, os *moradores de rua* utilizam como banheiro. Porém, ao amanhecer, os funcionários do restaurante lavam a calçada diariamente, mas do lado da CEF a calçada não é lavada todos os dias e os batentes estão sempre sujos e malcheirosos.
- 48 Os homens de tocaia esperavam por comida na porta do restaurante à espreita do lixo que seria despejado. Um funcionário sai do restaurante e joga um enorme saco preto de lixo na calçada, fez esse procedimento três vezes. Os *homens de rua* ficaram por cerca de cinco minutos, agachados, escarafunchando nos sacos de lixo os restos de comida. Com as mãos colocaram as sobras de comidas dentro de latas. Sentaram-se no batente da loja desativada ao lado do restaurante e começaram a comer com as mãos os restos de comida.

## Masculinidades Animalizadas: O corpo no Limite do Humano

- 49 Em minhas caminhadas pelo centro era muito comum ver *moradores de rua* revirando lixeiras, sacos de lixo em busca de comida. Às vezes, se posicionavam nas calçadas das lanchonetes e restaurantes à espreita das sobras de comida deixadas nas mesas ou dos descartes dos clientes nas lixeiras, como era comum ver homens urinando ou defecando nas calçadas, nos cantos das paredes dos edifícios.
- 50 Quinta feira, 13h. Seguindo pela Rua Guilherme Rocha (calçadão para pedestre), já chegando no quarteirão que dá acesso à praça, quase na esquina com a Rua Major Facundo, avisto um senhor em pé, com as calças arreadas, tentando defecar em uma

lata. Aparentava cerca de 70 anos. Já o tinha visto algumas vezes circulando pelo centro. Os transeuntes passavam alheios à cena. Flexionado para frente, segurava com uma das mãos uma lata atrás das nádegas e, com a outra, um saco com seus pertences. Parada em pé, no meio dos transeuntes, observando a cena, senti-me em um dilema: não sabia se agia como uma transeunte e, portanto, o auxiliava para segurar a lata ou se atuava como pesquisadora, ou seja, não interferir na cena. Caminhei em sua direção enquanto pensava no que poderia fazer, quando duas funcionárias de uma loja local se aproximaram perguntando se precisava de ajuda para ir ao banheiro. O senhor balança a cabeça afirmativamente. Uma das moças sobe suas calças e a outra o ajuda, colocando a lata no chão. Aproximei-me para auxiliá-las. Segurando-o, uma de cada lado, elas o levavam até o banheiro da loja. Acompanhei-as, segurando o saco com pertences. Ao chegar ao banheiro da loja, entreguei o saco a uma delas, voltei para a rua e segui caminhando para a praça pensando na minha atitude. Como pesquisadora possivelmente cometi o equívoco de interferir na cena; o fiz menos pela minha posição acadêmica e mais pelo choque da cena em si.

- 51 Pensar nessas cenas que fogem dos padrões humanos civilizatórios e urbanísticos me fez enxergar como esses agentes se aproximam de “homens animalizados” destituídos de predicados que os distinguem propriamente como humanos, reduzidos a um feixe mínimo de funções orgânicas, no limite do humano. Depois de serem privados de atributos que os qualificam como humanos; ou seja, referenciam os *homens de rua* ao estrato meramente biológico, o que resta é a animalidade para a sobrevivência.
- 52 Nós, humanos, compartilhamos regras, normas, códigos, valores, costumes, hábitos e tradições, não havendo um “homem natural” que preceda o homem cultural. O humano é constituído pela linguagem, num mundo de expressões, representações e simbologias, mas também pelas relações de inclusões, exclusões e alteridade. A situação de rua rompe com as noções de humano à medida que as sociabilidades das ruas reduzem os corpos a comportamentos animalizados para atender às necessidades fisiológicas e de sobrevivência.
- 53 Nos comportamentos das cenas acima, há um repertório de procedimentos que aproximam os homens de noções bestiais, as quais chamei de *masculinidades animalizadas*. Havia ausência de civilidade evidenciando que os *homens de rua* mais pareciam não humanos, ou talvez, inumanos. Esclareço que não se trata de um jogo de palavras entre o não humano e o inumano, mas de diferenciar essas categorias. Segundo Cavarero e Butler (2007), o não humano sugere um ser animal, e o inumano uma negação do humano que é intrínseco ao próprio humano. Também, não estou manifestando ausência de empatia, negando que o homem de rua não tenha humanidade. Chamo atenção para o estranhamento em concebermos e aceitarmos que uma sociedade contemporânea, civilizada, globalizada, industrial e tecnológica produza “homens animalizados”. Eles são invenções de condições sociais nas quais a situação de rua os impõe uma vida no limite do humano, cujo sonho ou pesadelo indica lutar pela vida. Daí romperem com o humano e se comportarem, algumas vezes, como animais em busca de sobrevivência, seja à procura de comida, de droga, de álcool ou de um local para dormir.
- 54 Por mais que eu narre e descreva os comportamentos animalizados dos *homens de rua* não há como expressar em palavras a metamorfose de quando um homem vira um ‘animal’. Há uma diferença abissal entre ser um observador, que testemunha a cena, para um “ouvinte” da narrativa da cena. Conviver e ter a visão do comportamento

inumano/ não humano dos *homens de rua* não é somente participar da cena e de suportar com eles as intempéries, mas sentir no corpo e ver quais cicatrizes da situação de rua permanecem, e o que podemos fazer com isso, se é que podemos fazer alguma coisa. É, no mínimo, aterrorizante ver uma vida humana reduzida a uma existência despida de humanidade e um corpo exposto à morte a todo instante.

- 55 Nos espaços perdidos na anomia da metrópole, nas brechas da cidade que demandam sobrevivência, há danos corporais e subjetivos ocasionados pela situação de rua. Falar da situação de rua não é somente enfatizar as sociabilidades dos homens, das masculinidades, das sobrevivências. É falar de como a sociedade é capaz de gestar esse fenômeno fronteiro e depois rejeitá-lo. Ou seja, há limites entre as conexões dos agentes públicos, transeuntes, comerciantes e os *homens de rua* percebidos como “marginais”. A ideia aqui não é homogeneizar os homens e retirar-lhes a humanidade, colocando-os na categoria de animais. Busco mostrar que, diante da brutalidade da vida nas ruas, os homens se desumanizam ao viverem experiências extremas, agindo, por vezes, como animais em luta pela sobrevivência. Eles têm de sobreviver às suas perdas materiais, subjetivas e humanas. Os *moradores de rua* da *Mãe Ferreira* distanciam-se do humano que se espera deles, e se aproximam do animal, seus corpos sobrevivem no limite entre a vida e a morte, mergulhados entre o reconhecimento de ser humano ou inumano por parte de outros agentes.
- 56 Como buscar palavras para dizer a vida e a sobrevivência na *terra de ninguém*? Encontrei no escritor judeu italiano Primo Levi (1988), um sobrevivente do holocausto nazista do campo de concentração de Auschwitz, uma porta para compreender os limites do corpo entre a vida e a morte. O significado de sobrevivência para Levi era o que mais se aproximava das sobrevivências dos *homens de rua*. Assim, como o holocausto era visto por Levi como um “inferno”, uma humilhação. O campo de concentração era o lugar onde os humanos eram tratados como bichos. A *terra de ninguém* do centro de Fortaleza expõe os *homens de rua* às situações que os obrigam muitas vezes a forjarem comportamentos para sobreviverem e enfrentarem um cotidiano hostil e para se manterem vivos, se despem de humanidade e se vestem de animais em uma metamorfose para conservarem o corpo vivo.
- 57 Para as análises *masculinidades animalizadas* importam recuperar a figura do “muçulmano” prisioneiro do campo de concentração de Auschwitz por se aproximar, em termos de desumanidade, dos sobreviventes urbanos da *Mãe Ferreira*. Os relatos de sobrevivência de Auschwitz de Levi citado acima, Agamben (2008) aponta o “muçulmano” como paradigma da vida nua, como a degradação da vida, com a morte de um humano submetida à dor, ao sofrimento e às privações. Na análise do “muçulmano”, considerado um cadáver humano, um morto vivo do campo de concentração, o prisioneiro que chegou no limite da sobrevivência, Agamben busca entender as dimensões da produção escrita dos sobreviventes e do testemunho do holocausto. O “muçulmano” era a representação do homem que deixava de ser humano para tornar-se um não humano. Vivia no limite entre a vida e a morte, na fronteira entre o inumano e o não homem, e o “muçulmano” perde a capacidade de se comunicar e a aptidão humana de viver. Ele apenas sobrevive. O autor argumenta que Auschwitz marca o fim de qualquer experiência ética da dignidade e da adaptação às normas. A “vida nua”, a que o homem foi reduzido, não demanda nem se adapta a coisa nenhuma, visto que ela própria é a única norma, absolutamente imanente. Para Agamben a “vida nua”, torna-se artefato da política estatal, e o campo de concentração é um espaço do

biopoder da produção de “vida nua”. Considerando essa ótica do biopoder a situação de rua produz sobreviventes, reduzindo a vida humana ao seu mínimo biológico, ou seja, à sua nudez. O que está em jogo nas ruas não é mais a vida nem a morte, mas a sobrevida. A sobrevida é o arrefecimento da vida humana ao seu mínimo biológico, é a nudez da vida que assim como o “muçulmano” o corpo do morador de rua está no extremo do humano e do inumano

- 58 Toda sobrevivência pressupõe sobreviver a algo ou a alguém. Agamben (2008) defende a ideia de que o homem sobrevive tanto a si mesmo quanto à própria vida, aquele que sobrevive e aquilo a que se sobrevive coincidem entre si. “Fazer morrer e deixar viver” ou “fazer viver e deixar morrer marca o biopoder que exerce o poder de matar. Para Agamben essas duas concepções instigam uma terceira, que organiza uma produção mais específica do biopoder do século XX, qual seja: nem deixar morrer, nem deixar viver, mas deixar sobreviver. A verdade do biopoder de nosso tempo marca os espaços da rua como locais ideais para a realização de confisco de vidas pelos agentes públicos. E nas ruas os corpos dos *michês da Ferreira* se articulam com as masculinidades e comportamentos sexistas e beligerantes das práticas de poder dos agentes públicos locais, e assim, o corpo não é deles, mas do agente público.
- 59 A partir desse nexo da perda da capacidade humana, quando se comportavam como não humanos, os *homens de rua* tornavam-se inumanos, metamorfose impulsionada pelo desejo de sobrevivência. Ainda que, em suas sociabilidades, os homens dividissem comidas, bebidas, drogas, espaços, roupas e favores, a sobrevivência nas ruas é uma luta solitária. Reuniam-se em grupo na *Mãe Ferreira*, quando saiam de lá em busca de comida andavam no máximo em dupla. Nas caminhadas o morador de rua está sempre só. As experiências das ruas revelam que andando em grupo, caminhando em “bandos” perceberam que os transeuntes, os motoristas, os comerciantes, os moradores das casas, os quais costumam pedir comida, água, roupas, dinheiro etc. sentem-se intimidados com a presença de um grupo, o que não ocorre estando só. Andar sozinho nunca foi um comportamento combinado, apenas perceberam que o “apurado” de sua mendicância surtia efeito estando só do que em “bando”.
- 60 Nas ruas, as únicas coisas que os *moradores de rua* têm são seus corpos e a própria vida. Nas gestões diárias de sobrevivência as masculinidades operam como suporte para se manterem vivas no agenciamento de seus corpos que oscilavam, ora se camuflando junto aos transeuntes, tornando-se “invisíveis”, ora visíveis, com suas práticas de sobrevivência, ora entrando em confronto com os agentes públicos e chamadas “pessoas de bem”. Assim, não há, nas ruas, espaço de agência para viver, apenas sobreviver.

## EPÍLOGO

- 61 Das cenas etnográficas destaco três questões conclusivas. A primeira diz respeito ao deslocamento do olhar para uma realidade estranha a nós, quando não há identificação de que o “outro” tenha uma configuração humana como nós, o que leva a sentimentos de desprezo e hostilidade. Agentes públicos, empresas privadas, transeuntes tentam a todo custo banir os *homens de rua*. Entretanto, quando tentam bani-los cada vez mais para as margens, eles se readaptam a outros espaços. É importante resistir à valorização de aversão e repulsa, no sentido de identificar e construir pontes para a compreensão da complexa situação de rua. Nos esforços de bani-los, há nesse processo uma

distribuição diferencial de importância e estima de certas vidas as quais algumas devem ser defendidas a todo custo, e “outras” são descartáveis, desprezíveis, por serem socialmente mortas.

- 62 Na segunda os elementos empíricos evidenciaram que os *michês da Ferreira* não estavam preocupados com as escolhas eróticas de seus clientes, com as várias formas de prazer sexual ou desejos de ascender socialmente, mas com a sobrevivência. A *masculinidade negociada* indicava o que estava em jogo nos encontros sexuais fortuitos: a possibilidade de fazer sexo para ganhar dinheiro, não para se prostituírem e entrarem para o mercado do sexo, afinal não faziam ponto nas esquinas do entorno da praça, ou em qualquer outro local do centro. A possibilidade de alguns *moradores de rua* viverem um estilo de *masculinidade negociada* desarticulada de um modelo de masculinidade usualmente praticada por outros os fazem articular suas sexualidades de modo a subverter as normas da heterossexualidade.
- 63 A terceira questão trata dos corpos cuja *masculinidade animalizada* evidencia como se já fossem mortos socialmente e por isso podem ser surrados, espancados, torturados e até mortos. Esses corpos fogem de qualquer definição social do que é um ser humano. Daí porque não há identificação por parte das chamadas “pessoas de bem” com os *homens de rua*. Sendo o corpo nossa materialidade ele é o que há de mais intangível em nós. Mas, para os *homens de rua* o que resta de si é o corpo. Para mantê-lo vivo, a sobrevivência é a resistência máxima deles ao poder. Às forças que os querem mortos eles resistem vivendo, o corpo é a última fronteira do humano entre a vida e a morte.
- 

## BIBLIOGRAFIA

- AGAMBEN, Giorgio. O que resta de Auschwitz. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. Senhores de Si: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 2000
- BUTLER, Judith. Vida Precária: os poderes do luto e da violência. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- \_\_\_\_\_. Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CAVARERO, Adriana; BUTLER, Judith. Condição humana contra a “natureza”. *Estudos Feministas*. 15 (3). 2007. pp. 647 – 662.
- CRAPANZANO, Vincent. A Cena: Lançando Sombra Sobre o Real. *MANA* 11(2):357-383, 2005.
- DE LUCCA, Daniel. Morte e Vida nas ruas de São Paulo: a biopolítica vista do centro. In: RUI, Taniele; MARTINEZ, Mariana; FELTRAN, Gabriel. (Org). *Novas Faces das Vidas nas Ruas*. São Carlos: EdUFSCar, 2016. Pp 23-44.
- FELTRAN, Gabriel. *Jornal Valor Econômico*. 10/01/2017. “Crise leva mais famílias a morar na rua”. Disponível em< <http://www.valor.com.br/brasil/4831060/crise-leva-mais-familias-morar-na-rua>> Acesso em: 20 janeiro de 2017.
-

- FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- LEVI, Primo. *É isto um homem?*. Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. p. 255.
- MAGNANI, José Guilherme C. In: MAGNANI, José Guilherme C.; TORRES, Lillian De Lucca. *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Editora USP; FAPESP, 2008.
- MARQUES, Ana Claudia; VILLELA, Jorge Mattar. (2005). O que se diz, o que se escreve. *Etnografia e trabalho de campo no sertão de Pernambuco*. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2005, V. 48 Nº 1. Pp 37-74.
- PELUCIO, Larissa. (2007). *Nos nervos, na carne e na pele: uma etnografia de prostituição travesti e modelo preventivo de AIDS*. São Carlos; UFSCAR. Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Carlos.
- PEIRANO, Mariza. *Etnografia, ou a teoria vivida*. Ponto Urbe [Online], 2 | 2008. disponível em <<https://journals.openedition.org/pontourbe/1890>> Acesso em: 24 ago 2020.
- PERLONGHER, Néstor. *O Negócio do Michê: a prostituição viril*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- RUI, Taniele; MARTINEZ, Mariana; FELTRAN, Gabriel. (Org). *Novas Faces das Vidas nas Ruas*. Introdução. São Carlos: EdUFSCar, 2016
- SANTOS, Élcio Nogueira; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. *Amores e Vapores: sauna, raça e prostituição viril em São Paulo*. *Estudos Feministas*. Florianópolis. 24(1): 406, janeiro-abril. (2016). Pp 133 – 154.
- SANTOS, Maria Lourdes dos. *Da batalha na calçada ao circuito do prazer: um estudo sobre prostituição masculina no centro de Fortaleza*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Ceará. Centro de Humanidades, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Fortaleza, 2013.
- SCHUCH, Patrece. *A Rua em Movimento: debates acerca da população adulta em situação de rua na cidade de Porto Alegre*. Belo Horizonte / MG: Didática Editora do Brasil, 2012.
- SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- STRATHERN, Marilyn. *O Efeito Etnográfico e Outros Ensaio*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

## NOTAS

1. Cf. Schuch (2012) é o conjunto de pessoas que se deslocam pelas ruas, avenidas, praças e fazem desses espaços seu local de moradia e existência, mesmo que temporariamente.
2. Esclareço que utilizo itálico as categorias êmicas da etnografia
3. A mídia local intitulou “Árvore de Colchões”, termo esse utilizado pelos fortalezenses.
4. Os *michês* são homens que se prostituem por dinheiro
5. Centro de Referência Especializada para População em Situação de Rua (Centro POP) é um equipamento de política pública que faz parte da Política Nacional de Assistência Social.
6. Conforme Foucault (2016), o biopoder é a estatização do biológico, é a prática de regulação do estado moderno aos sujeitos. É a maneira pela qual a partir do século XVIII, o soberano tem o direito de causar a morte ou de deixar viver, a vida biológica começa a se converter em objeto da política, ou seja, passa a ser administrada.
7. Devido aos recursos escassos o equipamento só tem condição de oferecer lanche a almoço para os vinte primeiros usuários.

8. *Mah* é a abreviação de macho, expressão muito usada pelos fortalezenses, os homens usam ao falarem uns com os outros. O educador social ao qual se referiam não trabalhava mais no Centro POP.

9. Normalmente os homens *moradores de rua* têm estatura mediana, com pele negra, são de baixa renda e possuem pouca instrução.

10. Bacanas são pessoas abastadas.

11. Depois desse episódio, segui até a lixeira onde descartaram a caixa. As instruções diziam que era sorvete de creme de 10 litros.

---

## RESUMOS

Neste artigo, os corpos dos moradores de rua são pensados como última instância entre a vida e a morte no perambular pela cidade. Eles forjam estilos de masculinidades negociadas e animalizadas que acionadas em suas sociabilidades dão suporte às suas sobrevivências. A etnografia realizada na Praça do Ferreira-Fortaleza/CE e Centro POP analisa como o corpo dos michês da Ferreira se articulam no limite entre o humano, o não humano e o inumano. Narrado em cenas etnográficas, o artigo busca outro olhar para a valoração da aversão e repulsa aos corpos dos moradores de rua.

moradores de rua, masculinidades, sobrevivências, corpos

In this article, the bodies of homeless people are thought as the last resort between life and death in wandering around the city. They forge styles of negotiated and animalistic masculinities that, triggered by their sociability, support their survival. This ethnography study made at Ferreira Square-Fortaleza / CE and Centro POP analyzes how the bodies of the hustlers of the Ferreira square are articulated at the limit between the human, the non-human and the inhuman. Narrated in ethnographic scenes, the article seeks another look at the valuation of aversion and repulsion of the bodies of homeless people.

## ÍNDICE

**Keywords:** homeless people, masculinities, survivals, bodies

## AUTOR

### ZULEIKA DE ANDRADE CÂMARA PINHEIRO

Doutora em Ciências Sociais. Laboratório Interdisciplinas dos Estudo de Gênero (LIEG) vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Júlio de Mesquita Filho / Marília.

E-mail: zuleikacamara@yahoo.com.br

ORCID: 0000-0002-9061-2857